

BRANCAS TENTATIVAS EM TORNO DE **VIOLENTO**.

por amilton de azevedo¹

“Toda crítica é uma autobiografia” (Oscar Wilde)

i) Chego no hotel, é início da madrugada. Movido pelo acúmulo do dia que terminou com o bate-papo depois da apresentação de *violento*., obra que já tinha assistido e sobre a qual escrevi, em 2020 uma crítica chamada [redivivo na encruzilhada](#), começo a escrever esse texto. Ali, enquanto descrevo e analiso o trabalho, destaco um trecho da música de Baco Exu do Blues – [Esú](#) – que toca enquanto Preto Amparo deixa o espaço cênico: *“Sinto que o mundo tem medo de mim, medo de mim. Metade homem, metade deus e os dois sentem medo de mim”*. Releio o texto e, ao perceber a organização dos meus escritos, penso em como saí de *violento*. naquela época; tenho a impressão de estar tranquilo, tranquilizado, apaziguado, será que foi assim?

ii) Hoje me sinto, no exato instante em que escrevo essas palavras, como o inimigo de Frantz Fanon do trecho projetado em certo momento do trabalho: *“o inimigo imagina perseguir-nos mas nós encontramos sempre um meio de nos colocarmos em sua retaguarda, golpeando-o no momento mesmo em que ele crê que estamos liquidados. A partir de então nós é que o perseguimos”* (em *Os Condenados da Terra*; o vídeo presente em *violento*. é do curta-metragem [O Tigre e a Gazela](#), de Aloysio Raulino). Golpeado na retaguarda.

iii) Durante o bate-papo, Preto Amparo e Alexandre de Sena falaram sobre como *violento*. é uma obra sem começo nem fim. Como escrever uma crítica de um ato

¹ amilton de azevedo é pesquisador e crítico das artes vivas. Doutorando em artes cênicas na ECA/USP; mestre em artes da cena, especialista em direção teatral e bacharel em teatro pelo Célia Helena, onde lecionou entre 2016 e 2019. Idealizador, editor e crítico na plataforma ruína acesa (<https://ruinaacesa.com.br>), integrante do projeto arquipélago. Colabora com diversos festivais regionais, nacionais e internacionais, ministra oficinas de formação em crítica e escreveu para a Folha de S. Paulo. Membro da seção brasileira da IATC/AICT (Associação Internacional de Críticos de Teatro), em 2024 foi convidado para cobrir o Festival TransAmériques (Montreal/Canadá).

contínuo quando o que foi visto é um recorte organizado espaço-temporalmente? Em 2020, vi Preto Amparo caminhando pelas ruas do Itaim Bibi, bairro de *alto padrão* em São Paulo, de jeans e moletom, perseguido por uma viatura *de brinquedo*. Em 2024, vi Preto Amparo saindo de um beco sem saída vazio e escuro entre os prédios da Fundação Cultural Cassiano Ricardo, em São José dos Campos, perseguido por uma viatura *de brinquedo*. Contínua vigilância, perfilamento racial, atitude suspeita. Onde está mesmo a violência?

iv) *“O monopólio da violência é uma ficção de poder baseada na promessa de que é possível forjar uma posição neutra desde a qual medeiam-se os conflitos.”* (Jota Mombaça, *Não vão nos matar agora*)

v) Já dentro do espaço do Centro de Estudos Teatrais, Amparo mostra as palmas das mãos e diz *“eis-me aqui”*. Criar o espaço, fazer dele terreiro – como dito por uma pessoa do público durante o bate-papo – e então desnudar-se. Batismo, afogamento, redivivo, sorrisos. Preto Amparo nos vê enquanto é visto e nos vê o vendo, e no olhar parece haver algo de sereno, algo de cansaço, algo de recorrência. Iniciado, iniciante, o que morre; e como se constrói o próprio caminho.

vi) *“Redistribuir a violência, nesse contexto, é um gesto de confronto, mas também de autocuidado. Não tem nada a ver com declarar guerra. Trata-se de afiar a lâmina para habitar uma guerra que foi declarada à nossa revelia, uma guerra estruturante da paz deste mundo e feita contra nós.”* (Jota Mombaça, *Não vão nos matar agora*)

vii) Quando utiliza o balde para enxaguar-se, Preto Amparo faz dali cachoeira.

viii) Quatro vértices, um centro, encruzilhada, construção de mundo. Ao fundo, primeiro se vê a saca do que se perceberá café que será pouso pelo espaço. Depois, como que um pequeno altar se desenha; vela vermelha que será acesa, cálice vermelho com um líquido que será bebido, cigarro que será aceso por Preto Amparo que o apagará em sua mão, e também suas guias estarão lá quando seu corpo estiver nu. À esquerda de quem olha, pipoca, que será comida como quem apenas para pra assistir um filme – e enquanto isso acontece, mais um trecho de *O Tigre e a Gazela* é projetado: uma senhora preta canta *Salve a Princesa* (*“Hoje o Preto pode ser doutor*

/ Deputado e Senador. / Não há mais preconceito de cor!”), homenagem à princesa Isabel composta em 1947. À direita, a pequena viatura de “brinquedo”, que será ligada, com luzes laser e sirenes, e depois destruída à marteladas. No centro, um balde onde antes havia rosas e agora resta água. Na frente, próximo ao público, rosas vermelhas.

ix) Não deveriam sobrar rosas vermelhas ao final de *violento.*, deveriam faltar durante. Preto Amparo as distribui para a plateia, para pessoas negras do público. Na apresentação do 38º FESTIVALE, só duas flores foram entregues, sendo uma delas para Alexandre de Sena, diretor do trabalho. Na fruição, então, brancas tentativas em torno de *violento.* e o que se sente e o que se pensa e o que se entende e o que se pergunta e o que se fala e então Preto Amparo diz que “é necessário conviver com esse nada” também e aqui está esse texto em feitura que é também uma branca tentativa sobre o que talvez seja o nada, um vazio, um

x) “Essa é a contradição fundamental que acompanha as alianças brancas: a continuidade entre suas posições e o sistema simbólico contra o qual supostamente se articulam. (...) não basta às pessoas situadas em posições de privilégio social, ontológico e epistêmico que desejam reivindicar para si o papel de “aliadas” aprender a falar a linguagem dos antirracismos, da descolonialidade e, adicionalmente, dos movimentos trans. O trabalho político dessas pessoas deve, necessariamente, **operar conforme um certo programa negativo**, em que desaprender, desfazer, calar e boicotar deixam de ser mecanismos acionados contra pessoas negras e dissidentes em geral para converter-se **numa espécie de ética autodestrutiva** da qual o trabalho de aliança branca depende.” (Jota Mombaça, *Não vão nos matar agora*, grifos meus)

xi) Diante de um revide redivivo, se deixar surpreender, se abrir para receber o ataque, “*chafurdar e desaparecer pouco a pouco na lama*” (Fanon, no mesmo trecho já citado).

xii) *violento.* não é um ataque; escrevi o ponto anterior e sinto que talvez este texto esteja dizendo isso. Provoca, sim, ao (que deveria ser) inesquecível lembrete que nada está resolvido. Em sua organização formal, gestos codificam-se em ações-

dança, onde um corpo sincopado é em todo coreográfico entre o que se apreende e o que se escapa, numa nudez que talvez seja mais opacidade do que transparência.

xiii) Iniciar, iniciado, iniciante, corpo, movimento, morrer, viver. Força e doçura. Perseguido e perseguidor e o que mais que há entre essas pontas? Hipervisível, invisível, caminhando em passos próprios à meia-luz.

xiv) Preto Amparo deixa o espaço. Alexandre de Sena entra, começa a limpá-lo. Fazer desfazer refazer ato *violento*. contínuo a despeito do ponto final do título. O público não sabe se acabou quando acabou o que fazer. Hesitar e exercitar o não-saber parece bom.

xv) Talvez nem sempre que há algo a dizer se precise dizer algo.

(ainda assim, escrevi uma *crítica*)